Cadernos CESPUC
Belo Horizonte - n. 22 - 2013

Misturas, migrações e deslocamentos na trama narrativa em **Mae, materno mar**

Luciana Mara de Souza*

Mestranda pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas.

Resumo

O presente texto tem por objetivo apresentar uma leitura do trânsito religioso articulado no romance de Boaventura Cardoso, **Mae, materno mar**. Desenvolvemos a leitura desse trânsito religioso como uma tentativa de (re)construção da identidade cultural religiosa em Angola.

Palavras-chave: Boaventura Cardoso. Sagrado. Mistura. Literatura angolana.

Em uma narrativa permeada por contos orais, ditos e provérbios africanos de traços míticos e místicos, Boaventura Cardoso descreve, por meio de um olhar crítico, o crescimento das igrejas evangélicas em Angola, um país que, após tantos anos de guerra e de violência, busca superar os desafios contemporâneos de uma sociedade civil agora considerada de paz.

O romance **Mae, materno mar** aborda a travessia de Malange à capital angolana Luanda por meio de um comboio. A viagem de comboio pelos caminhos-de-ferro de Luanda fica marcada pela lentidão, a qual retrata o atraso de um país pós-independência com seus conflitos e contradições, assim como apresenta o tema do sagrado e da religião.

Os conflitos vivenciados pelo garoto Manecas neste comboio, que decide ir a Luanda à procura de emprego, em meio à miséria e à flagelação de sua família, evidencia o projeto estético-literário de um autor que visa delinear, no tecido textual, a cultura popular e os conflitos sociais que marcam a sociedade angolana.

Relativamente ao Caminho-de-ferro de Benguela, historicamente conhecido pelas iniciais CFB, a estrutura ferroviária de Angola ganhou notoriedade em toda a África. Por sua vez, o comboio apresentado

por **Mãe, materno mar** possibilita a leitura das mudanças advindas do processo de reestruturação social em Angola e dá corpo a uma sábia mistura em que se condensam a necessidade de documentar e o desejo de criar.

Em meio a uma travessia assinalada por longas escalas e encontros na diáspora, o romance expõe as diferentes vozes que emanam de uma nação movente e que se faz fortemente presente pela tradição, pela ligação entre o sagrado e o profano e pela construção de laços entre passado e presente, o passado falando com o presente, o presente deixando-se ouvir.

Incertezas e vulnerabilidades acompanham o curso da constituição das personagens neste comboio. Fragilidades, negociações e representações encontram no romance de Boaventura um lócus privilegiado de observação e permitem uma leitura para o fenomenal crescimento das igrejas evangélicas em Angola. Crescimento esse que acompanha o movimento de urbanização do país. Hoje em dia, os evangélicos estão principalmente no Terceiro Mundo, e entre os mais pobres dos diversos países. Em Angola, o protestantismo evangélico ocupa um espaço cada vez mais importante e Luanda faz parte das cidades africanas onde existe o maior número de igrejas e de todos os símbolos da proliferação religiosa que existem na sociedade contemporânea angolana.

Mae, materno mar retrata uma evangelização que ocorre nos trilhos: "Depois, depois foi a vez das Luandas, aquelas diamantíferas províncias tão carentes de evangelização! E agora seria a vez de todas as terreolas ao longo da linha que liga o caminho-de-ferro de Luanda a Malange." (CARDOSO, 2001, p. 253).

Diante da expansão do evangelho de Jesus Cristo e do crescimento quantitativo das igrejas evangélicas, o romance narra sobre as diferentes instituições religiosas que visam promover a evangelização através de benefícios oferecidos (melhoria econômica, cura física e psicológica, restauração da vida familiar) que são tanto deste mundo como do outro (salvação eterna). No entanto, no comboio de Mae, materno mar a salvação, muitas vezes, não é gratuita, já que ela faz prosperarem pastores que negociam o ministério, mercadejam a palavra e transformam a igreja em um negócio lucrativo.

Assim, se na pós-modernidade o evangelho passa a ser um produto o dinheiro passa a estar no âmago de muitos problemas das igrejas. A questão envolvendo o dízimo reacende o debate sobre a administração financeira das igrejas. Nessa perspectiva, torna-se impossível falar sobre administração financeira da igreja sem falar em dízimo. Em um sinal de preocupação em relação aos rumos da evangelização em Angola, um excerto do romance revela:

> Que os católicos comentavam como é que as igrejas que diziam pregar a palavra do Senhor podiam alimentar tanto ódio entre elas, que isso era apenas a prova provada de que tais igrejas tinham como objectivo principal não a salvação das almas, mas a salvação dos seus

negócios! (CARDOSO, 2001, p. 97).

Na contramão dos conflitos e instabilidades que assolam o país, o romance denuncia o enriquecimento dos pastores, o uso mercantilista da fé e a transformação da religiosidade dos fiéis em negócio. Um paradoxo da fé e da religiosidade onde o dizimo é utilizado para financiar estilos de vida extravagantes dos dirigentes da igreja. Tais acusações, porém, não parecem abalar a devoção dos fiéis. Sendo ou não empreendimentos de negócios, as igrejas da prosperidade tornam-se um dos principais produtos rentáveis no país: "À noite, o Profeta, depois do jantar, se fechava no quarto e com a ajuda do responsável pelas finanças da Igreja ficava horas e horas a contar o dinheiro recebido, que o resto pouco lhe interessava." (CARDOSO, 2001, p. 270).

A independência africana não significou um tempo difícil para as igrejas. Elas cresceram em número, profundidade administrativa e importância social. Os crentes de características evangélicas predominam entre os cristãos não católicos, principalmente depois do fim da era colonial. Com a independência, Angola passou a enfrentar a necessidade de reestruturação política e econômica, assim os novos líderes se organizaram em torno de um ideal para se situarem no contexto político e econômico mundial. E as igrejas evangélicas, nesse cenário fragmentado, cresceram e estenderam-se proclamando o Evangelho como poder de Deus para salvação e transformação de todo o que crê. No contexto narrativo, as igrejas conduzem o evangelho de Deus através de um movimento de massas, levado avante no grito, na centralização do poder nas mãos de pastores e profetas que manipulam as massas usando a Bíblia como pretexto para recolher milhões e milhões de reais.

Nesse sentido, entende-se que as questões sócio-econômicas a que os angolanos estão sujeitos, fruto da conjuntura do pós independencia, constitui um elemento significativo quando se trata de analisar as questões religiosas do país. Uma sociedade assolada por guerrilhas torna-se campo fértil para o crescimento e fortalecimento de uma religião que se transformou numa das principais religiões dos que são marginalizados pela globalização.

O romance chama a atenção para a compreensão da tradicional religião angolana, que engloba uma grande variedade de crenças tradicionais. Visto que possui uma interação flexível e fluida no ambiente institucional no qual opera, a religião deve ser contrária às evidências científicas, conforme se percebe no seguinte fragmento: "a religião mais não é do que um reflexo fantástico, na cabeça dos homens das forças exteriores que dominam a vida quotidiana, que a religião na sua essência é anticientífica, ora essa me!". (CARDOSO, 2001, p. 53).

Nessa babel de novidades no mercado da fé, em Angola, a religião torna-se uma mercadoria que vale por sua eficiência perante os problemas da vida cotidiana. Nesse âmbito, o avivamento do sagrado, a recuperação da relação com o sobrenatural, se dá por via daquelas que se convencionou chamar de religiões de consumo, aquelas ditas mágicas ou do aqui e agora.

Nessa travessia marcada por sofrimentos e imponderáveis a religião é então acionada como um instrumento mágico de proteção. A questão da religião em Angola é de grande importância, na medida em que ela quase se confunde com a própria historia e cultura do país. A necessidade de conhecer a religião é abordada no romance a partir, por exemplo, das considerações do narrador sobre Manecas:

> Ele achava que o problema tinha de ser visto sob uma perspectiva marxista-leninista, sim senhor, mas sem dogmatismos, que tinha muita coisa que a doutrina científica não era capaz de explicar, que a visão do materialismo histórico sobre a religião era, de certo modo, redutora, que a religião em África carecia de um estudo mais aprofundado, que tinha muito fogo encoberto que precisava de ser bem remexido, que, de qualquer modo, ele era pela total liberdade religiosa. (CARDOSO, 2001, p.160).

A dissociação entre religião e outras esferas da cultura existente não faz parte da natureza angolana. As sociedades africanas pertencem a complexos culturais muito antigos, reciclando valores arraigados pela tradição oral. Para Hampate Bá, a tradição oral permite o entrosamento humano, sendo ao mesmo tempo "religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação" (HAMPATE BÁ, 1982, p. 183); assim, convoca o ser para sua totalidade, onde o eu e a comunidade não é algo abstrato e isolado da vida, mas é uma presença genuína no mundo, "concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem." (HAMPATE BÁ, 1982, p. 183).

Mae, materno mar assegura a importância da tradição oral quando propõe a criação do Conselho dos Doze, mas sugere, por outro lado, a compreensão do novo quando retrata o crescimento das igrejas evangélicas e legitima seu poder perante as massas. O Conselho dos Doze é constituído pelos mais velhos, que transmitem ensinamentos e preservam a memória e a história do povo através do que eles possuem de valor herdado dos antepassados: as palavras. Assim, a relação tradição-modernidade pode ser observada no comboio quando os líderes religiosos se unem ao Conselho dos Doze com o intuito de buscar equilíbrio nas decisões: "Conselho dos Doze que presidiu a assembléia conseguiu convencer todo o auditório sobre a importância dos cultos aos antepassados." (CARDOSO, 2001, p.158).

A veneração aos espíritos dos antepassados, expressa nos ritos e nas ofertas, constitui, segundo a tradição, um requisito para a harmonização, o equilíbrio e a tranquilidade comunitários. Sendo assim, não interrompe a corrente da vida. Já o crescimento das igrejas evangélicas, simbolicamente, responde e soluciona os fracassos da metrópole moderna; as igrejas prometem emprego, casa, bem estar familiar, coesão e solução para os problemas mais vitais.

No que tange à tradição oral, o ceguinho Ti Lucas permite o resgate das fontes da tradição. Detentor de sabedoria, ele a expressa pela ambiguidade da sua fala ou do seu canto e pela composição de

frases enigmáticas típicas do imediatismo dos interesses humanos. Ti Lucas se movimenta livremente de um espaço para outro, saindo das margens para atingir o centro do poder, ameaçado pela figura do excêntrico velho, que não conhece barreiras para fazer ouvir sua voz.

Ti Lucas é um personagem que instaura um possível retorno dos contadores de histórias. É testemunha do passado, cantor do presente e mensageiro do futuro. Cantando contos, mantém viva a tradição e recebe boa retribuição pelo seu trabalho. Numa cultura oral como a africana, Ti Lucas, como um griot, conserva a memória coletiva. A figura do griot tem uma enorme importância na conservação da palavra, da narração, do mito, conforme vemos na personagem Ti Lucas no contexto da narrativa.

Segundo Hampâté Bâ o griot é um "poeta, cantor, músico ambulante pertencente a uma casta especial que, além de cronista e detentor da tradição oral do grupo, frequentemente exerce atribuições mágico-religiosas" (HAMPÊTÉ BÂ, 1982). É preciso ressaltar que a tradição oral é um dos fatores responsáveis pela preservação de histórias, lendas, usos e costumes, transmitidos através da fala. Nessa tradição, tão importante como o "contar" estórias é o "ouvir" e conservar as estórias para que possam ser mantidas em movimento, passadas de geração em geração. Os acontecimentos contados são fundamentados a partir do testemunho, ou seja, do discurso de quem teve a experiência de participar do conto narrado.

Em **Mae, materno mar**, o encontro da tradição com a modernidade legitima a necessidade de reavaliar os paradigmas para o conhecimento e o entendimento das novas religiões no país, visto que, em consequência, dos percursos da modernidade em Angola, dinâmicas comerciais e transformações sociais no pós-independência, muitos angolanos não sabem ou se recusam a reconhecer que seus ancestrais tinham uma religião antes da vinda do colonizador.

O velho e o novo devem, pois, caminhar juntos, cada um dando e recebendo do outro, no perfeito reconhecimento de que somente essa reciprocidade e compromisso farão com que a cultura sobreviva e cresça. Neste sentido, tradição e modernidade constituem-se como dois propulsores para a consciência futura. E é isso que vemos na relação entre o velho Li Lucas e o jovem Manecas.

Tais atitudes tornam-se necessárias, pois, segundo Ruy Duarte de Carvalho,

> A nação é um dado social que só se realiza na sucessão dos presentes de que se faz o curso de uma história comum que acabará por exprimir a dinâmica de uma comunidade de interesses. E essa história comum, esse processo, aquele que está precisamente em curso, teve um passado, tem um presente, e daqui para frente é futuro, projecta-se (CARVALHO, 2003, p. 222).

A necessidade de construir o próprio percurso no meio do

vasto terreno de identificações históricas, geográficas, individuais e coletivas leva Boaventura Cardoso a interpelar um novo rumo para o país frente à evangelização. Nesse lócus de conjunções que se realizam no romance, a memória é encarada como reminiscência utilizada na construção do futuro e, dessa forma, a tradição e a modernidade coexistem na reinterpretação do arcaico, pela recuperação da memória esquecida. Cito:

> E então os lideres religiosos se reuniram para perscrutar as vozes da Terra, esses secretos ares da natureza. Que, no íntimo, todos concordavam que a falta de chuva tinha de ter uma explicação cujos códigos só eles que julgavam entender. E assim depois de muita discussão chegaram à conclusão de que tinham de recorrer a espíritos de gêmeos mortos que podiam influenciar o tempo. Haveria lá em Casuso ou nas redondezas algum túmulo de jingongo? Que ninguém se recordava de há pelo menos vinte anos terem morrido gêmeos ali nas redondezas. Que talvez os mais-velhos de outras localidades se lembrassem. (CARDOSO, 2001, p. 76).

Nesta conjuntura, o hibridismo religioso emerge e encontra um lugar de destaque na sociedade angolana. Verifica-se uma grande proliferação de organizações religiosas que são instituições de traços híbridos, resultado de um processo de seleção, negociação e reinterpretação de elementos de origens diversas.

O discurso religioso que perpassa toda a obra pode ser lido como resultado de uma assimilação das religiões existentes. Como se verifica em:

> O altar estava igualmente coberto de branco, com dois círios acesos em cada ponta. Na parede traseira se via um grande crucifixo ladeado, a uma altura mais baixa, de duas imagens de santos pretos. Nas paredes laterais se viam estatuetas, figuras em barro e em pedra, bandeirolas de várias cores e fotografias de muita gente que supostamente o Profeta do Bomfim tira curado. Do lado esquerdo do altar, a um canto, estavam as oferendas que os fiéis vinham diariamente depositar e que eram recolhidas no fim dos cultos. (CARDOSO, 2001, p. 178).

Entende-se que o hibridismo seja um processo que diz respeito àqueles trânsitos entre elementos culturais que levam a modificações, justaposições e reinterpretações entre eles. No que tange à religião, sagrado e profano se entrelaçam e fazem sentido na vida dos angolanos. Sagrado e profano não se excluem, mas se complementam. Segundo o pastor da Igreja de Jesus Cristo Salvador de Angola, em Mãe, materno mar: "Entre nós africanos o profano e o sagrado andam de mãos dadas, são as mesmas águas. Afinal tudo se resume na captação de forças visíveis ou invisíveis e da sua integração na vida quotidiana.". (CARDOSO, 2001, p. 224).

A existência do sagrado, no romance de Boaventura Cardoso, remete ao extraordinário, ao anormal, ao transcendental. As definições do sagrado e do profano unem o real e o irreal e esbarram no misticismo e na metafísica. Para Eliade, essas duas experiências tão opostas quanto complementares: "o sagrado e o profano constituem duas modalidades de ser no Mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem ao longo de sua história". (ELIADE, 2001, p. 20).

A tarefa de investigar o caráter do sagrado na literatura não pode ser resumida a uma simples identificação de palavras ou elementos que estejam imbuídos de alguma sacralidade. O sagrado se manifesta como essência a partir do discurso apofático, a partir do não-dito e, portanto, através da abertura do sintagma para significados não expressos de forma explícita. Apreende-se, nessa leitura, que o sagrado se manifesta como uma força, uma ordem totalmente diferente da ordem das forças naturais. (ELIADE, 2001).

A religião diz respeito ao sagrado e sua relação com o profano é mediada pelo ritual. As instituições religiosas são responsáveis por esta mediação; é preponderantemente nelas e através delas que os fiéis adentram no mundo sagrado. No mundo moderno, as igrejas se confirmam como instituições que administram os bens simbólicos religiosos, isto é, o sagrado. É no espaço e no tempo destas instituições, com seus cultos específicos e pastores, que os fiéis vivenciam o sagrado, conforme se verifica no romance. Cito:

> E a sessão de curas prosseguiu ao ritmo dos cânticos e dos batuques. Paralíticos apoiados em bengalas, em cadeiras de rodas ou em braços de familiares, doentes ainda com uniformes do hospital, velhos curvados reumáticos, os cegos, homens e mulheres com feridas crônicas, leprosos e tuberculosos todos saíam da igreja reabilitados e a gritarem de tanta eufórica alegria. Hosana! (CARDOSO, 2001, p. 182).

Segundo Mircea Eliade, não há outra palavra mais precisa do que o termo "religião" para descrever a experiência do sagrado, graças à qual a mente humana pode captar a diferença que existe entre o que se revela a si mesmo como real, poderoso, rico e significativo, e aquilo que o não é, o fluxo caótico e perigoso das coisas e suas aparições e desaparições fortuitas e carentes de sentido.

Com efeito, o mundo profano se reveste, em determinados casos, de sacralidade; e, por sua vez, o mundo sagrado vinculado às instituições religiosas revela, sob certas circunstâncias, manifestações profanas.

Na perspectiva mitológica angolana, tudo o que existe tem sua origem em forças misteriosas, místicas e sobrenaturais. O sagrado é o profano se misturam. A história dos homens por vezes é associada às forças divinas, e a condição humana é preestabelecida por essas forças. As coisas da natureza, a mortalidade, enfim o modo do homem viver depende das forças sobrenaturais e, portanto, estão vinculadas

ao sagrado. Por isso, no romance, "Cada espaço criado ordenava assim o caos existencial, passava a ser um espaço sagrado. Cada local de culto tinha de ser respeitado como tal, apesar de implantado em plena natureza." (CARDOSO, 2001, p. 66).

As árvores, as pedras, as montanhas, os astros e planetas, exercem influência sobre a Terra e a vida dos humanos, e vice-versa. As preces e orações feitas a uma árvore são parte de uma atitude simbólica de respeito à existência daquela árvore, e não a manifestação de uma crença de que ela tem um espírito como dos humanos.

O conceito de ancestralidade mítica compreende um tempo numa composição de eventos que aconteceram, estão acontecendo ou acontecerão num futuro próximo. É através da sociedade, presente e passada, que ele é vivenciado. Cada grupo, cada nação, cada casa religiosa tem uma história, que se move do instante em que se vive para o enorme passado, uma história orquestrada pelo mito.

Finalmente, um dos desafios da sociedade civil angolana retratada no romance é entender o papel contemporâneo da igreja e o peso da cultura religiosa entre as massas populares. Entender que a religião, apesar de impregnada de aspectos diversos, mantém a cultura da sociedade, reflete-a, reproduz a sua estrutura, se modifica quando ela sofre grandes alterações, mas exerce também grande influência sobre a sociedade.

Abstract

This paper aims to present a reading of the religious transit in the novel **Mãe, materno mar**, by Boaventura Cardoso. We intents to develop the reading of religious transit as an attempt to (re) construction of religious cultural identity in Angola.

Keywords: Boaventura Cardoso. Sacred. Mixture. Angolan literature.

Referências

CARVALHO, Ruy. **Actas da Maianga**. Lisboa: Cotovia, 2003.

CARVALHO, Ruy. **Como se o mundo não tivesse Leste**. Lisboa: Cotovia, 2003b.

CHAVES, Rita. **Boaventura Cardoso**: a escrita em processo. São Paulo: Alameda, União dos Escritores Angolanos, 2005.

CARDOSO, Boaventura: **Mãe, materno mar**. Porto, Campo das Letras, 2001.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano** – A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph

(Org.). **História geral da África** - Metodologia e pré-história na África. V. 1. São Paulo: Ática; Unesco, 1982.

PADILHA, Laura: **Entre a voz e a letra**. O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Niterói: EDUFF, 1995.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro: Entre Mar e Terra: uma polifônica viagem pelo universo "mágico-religioso" de Angola. In. CARDOSO, Boaventura. Prefácio de **Mãe, materno mar**. Porto, Campo das Letras, 2001.